Geano Rossi Mendonça de Lucena

# Filosofia INTUITIVA

Entre aisthesis e logos: do lodo à linguagem, da carne à consciência.

# Filosofia Intuitiva

*entre aisthesis e logos: do lodo à linguagem, da carne à consciência*

**Geano Rossi Mendonça de Lucena**

# Filosofia Intuitiva

*entre aisthesis e logos: do lodo à linguagem, da carne à consciência*

**Geano Rossi Mendonça de Lucena**

**Diadema – SP**
**2025**

**Dedicatória**

A todas as vidas que me atravessaram seus gestos, dores, encontros, risos, ausências e silêncios —e fizeram do meu pensamento um lugar habitado. Aos que viveram antes de mim, aos que caminham comigo, e ao "outrem", como pensou Deleuze —presença viva e múltipla no acontecimento de existir.

## Agradecimento

Este livro nasceu como quem se espanta com a vida. Foram insights — intuições súbitas e viscerais — capturados por acontecimentos que marcaram a minha história e a história dos outros que encontrei pelo caminho. Não há aqui uma verdade a ser dita, mas experiências que se deixaram pensar. Agradeço ao tempo, à carne, à dor e ao silêncio. E também à linguagem, que me permitiu voltar para mim e oferecer algo a quem ler estas páginas.

**Sobre o autor**

***docência: testemunho e trans-form-AÇÃO***

Não digo que ensino com amor.
Digo que transbordo amor quando ensino.
Digo isto porque não tento desenvolver o amor
para ensinar a matéria de forma prazerosa.
Não. Antes, tenho prazer em ensinar a matéria,
pois tudo relacionado à filosofia, pedagogia e teatro
está impregnado em mim.

São ferramentas do meu cotidiano.
Utilizo-as nas minhas relações intrapessoais e interpessoais,
todos os dias.

Portanto, ensiná-las é o maior prazer que posso ter.
Pois, antes de ver milagres acontecerem com meus alunos e alunas,
antes mesmo de acreditar neles,

vi o milagre que a arte-educação fez comigo.
De um jovem de 18 anos: confuso, amedrontado,
sem nenhuma direção profissional ou pessoal...

Me tornei ator, escritor e diretor de teatro.
Me formei em pedagogia, filosofia, teatro
e tenho duas pós-graduações: especialização e mestrado.
Mas quem fez isso, além da minha força de vontade?

De onde ela veio?
Ahh… Sim.
Foi a arte.
Foram os artistas.
Foram os arte-educadores que me mostraram possíveis saídas.
A paixão que tenho pelo teatro, pela docência e pela filosofia
não é apenas um gosto por disciplinas ou conteúdos estáticos.

São ferramentas que utilizo para me talhar todos os dias.
Por isso, quando estou diante dos meus alunos e alunas,
não me coloco apenas como alguém que acredita na educação.
Não é apenas uma relação de mestre e discípulo.
Não é apenas alguém que acredita na transformação de um ser.
Fui trans-form-A-MADO
Numa palavra: sou uma testemunha.
Não apenas vi com meus próprios olhos.
Eu senti na minha própria pele.
Por isso, talvez, eu seja um edu-ca-DOR:
aquele que educa porque carrega na memória e no corpo
as marcas do que a educação pode fazer.

**Trajetória Acadêmica e Profissional**

Geano Rossi Mendonça de Lucena, nascido em 1977 em Diadema (SP), é licenciado em Filosofia, Pedagogia e Teatro, com pós-graduação em Docência Superior e mestrado em Filosofia pela UFABC. Na pesquisa *"A Filosofia e a Quarta Parede: A Avaliação na Berlinda"*, defende uma avaliação contínua e sensível ao processo de ensino-aprendizagem.

Atuou como arte-educador em ONGs e centros culturais da periferia de São Paulo, promovendo autoestima e pensamento crítico por meio do teatro. Desde 2012, leciona Filosofia na rede estadual, integrando arte e reflexão filosófica no Ensino Médio.

Com experiência também em oficinas teatrais, valoriza práticas que estimulam autoconhecimento, criatividade e ética. Acredita na educação como processo de transformação pessoal e social.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Lucena, Geano Rossi Mendonça de
Filosofia intuitiva [livro eletrônico] : entre aisthesis e logos : do lodo à linguagem, da carne à consciência / Geano Rossi Mendonça de Lucena. -- Diadema, SP : Ed. do Autor, 2025.
PDF

ISBN 978-65-01-51783-4

1. Autoconhecimento 2. Existência (Filosofia) 3. Filosofia 4. Reflexões 5. Religiosidade I. Título.

25-277882 CDD-100

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Filosofia 100

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

**ISBN nº 978-65-01-51783-4**

**SUMÁRIO**

**FILOSOFIA INTUITIVA I**
***EDUCAÇÃO E PROPÓSITO***
qual seria o papel do educador?
educação como produto e não como patrimônio
à docência é um chamado
educação I
educação II
educação III
**FILOSOFIA INTUITIVA II**
***RELIGIOSIDADE***
religiosidade filosófica
religiosidade II
religiosidade III
religiosidade IV
religiosidade V
**FILOSOFIA INTUITIVA III**
***A MORTE E A VIDA***
a morte e a vida
a graça de não saber
nascer e morrer
**FILOSOFIA INTUITIVA IV**
***REFLEXÕES POLÍTICAS***
auxílios assistenciais
onde o medo não ensina
toda guerra começa com uma questão de linguagem
putz… e agora?
pão e circo
para além do bem e do mal
para além do bem e do mal II

**FILOSOFIA INTUITIVA V**

***A FILOSOFIA E O FILOSOFAR***

qual é a utilidade da filosofia ?

complexo e simples

o telos da filosofia: destino ou falha humana?

dúvida como partida, verdade como destino

ontologia do humano

eu e a filosofia (amante da sabedoria)

o amor para o filósofo

**FILOSOFIA INTUITIVA VI**

***TEMAS DIVERSOS***

traição e humor

sexualidade

seja

o protagonista

o agora

dia e noite

**FILOSOFIA INTUITIVA VII**

***POIESIS E LOGOS***

não sei rimar

poema: o gato, a lua e o sol

**FILOSOFIA INTUITIVA VIII**

***O TEATRO E A FILOSOFIA***

tablado de ilusões da verdade.

teatro e filosofia

arte e filosofia

eu sou o Hipócrates (ator)

**FILOSOFIA INTUITIVA IX**

***PARA PESSOAS QUERIDAS E ACONTECIMENTOS EXTRAORDINÁRIOS***

para minha amiga Suely

um reencontro emocionante

o acontecido, porém ainda não vivido
para meu amigo Waltão

**FILOSOFIA INTUITIVA X**

***REFLEXÕES DO SELF***

o que posso ser
minha vida

**FILOSOFIA INTUITIVA XI**

***A FILOSOFIA ACONSELHA***

conselho de um ermitão
amor, comida e temperos
a mulher que precisamos
sozinho e solitário
sabedoria e conhecimento
respeito e a ética do dever
não compreenda, viva!
o protagonista
philia e sophia: o coração da filosofia
o amor e o filósofo
vida e filosofia
sabedoria e ignorância
cuidar, fofocar e xeretar
coragem e medo
amor, amado e amante
o virtual e o real
sexo, amor, corpo e verdade
a filosofia contra-argumentos homofóbicos
eros, desejo ou philos?
vida e problemas
a certeza da ilusão
morte: a prova da ilusão

# *Filosofia Intuitiva I*

**Educação e Propósito**

## *qual seria o papel do educador?*

Para entender o papel do educador como mediador, é preciso voltar à raiz das palavras.

"Informar", do latim *informare*: dar forma.
"Conteúdo", do latim *contentum*: o que está contido.
Informar é dar forma a algo.

Mas formar… formar é outra coisa.
E formar, por sua vez, não significa fazer pelo outro.
Aqui entra o sentido de "mediar" — do latim *mediare*: estar no meio.

O educador habita esse entre-lugar: entre o mundo e o aluno, entre o dado e o saber — entre o desejo e a descoberta.
Ele não entrega o saber pronto.
Faz emergir o que está latente.

E é justamente aí que a etimologia ilumina o gesto pedagógico:
A palavra "educação" vem do latim *educere*, que significa "conduzir para fora".

Educar, portanto, não é um ato de preenchimento, mas de abertura.
Menos sobre depositar conteúdos prontos — mais sobre criar os espaços para que o aluno jogue, descubra e recrie.

O conteúdo, nesse processo, não é fim, mas meio.
Peça de um jogo. Parte de um quebra-cabeça. Um lego, talvez. Ou um game cheio de *puzzles*.

Algo a ser explorado, degustado, reconstruído.
O educador prepara o espaço onde o aluno constrói sentido com as próprias mãos.

É aí que o educador cultiva o solo do brincar.
Brincar é leveza em movimento — um ensaio da vida,
onde se pode errar, imaginar, reinventar.

O que move tudo isso é o prazer — do latim *placere*: agradar, encantar.
Não o prazer fugaz, mas aquele que permanece, cria memória e forma caráter.

O educador é ponte e provocador.
Desperta o desejo, convida ao jogo, acende o prazer de pensar.
Não entrega respostas — oferece os ingredientes.
É como um master-chef do pensamento.
Mas quem cozinha… é o aluno.
Porque só saboreando — com desejo, prazer e brincar — é que se faz sabedoria.

A própria raiz da palavra nos mostra isso:
Sabedoria vem de *sapere*, o mesmo que "saborear".
Não é uma substância que se transmite,
mas o ato próprio de aprender — do latim *apprendere*: "agarrar junto", "tomar para si".

Ter sabedoria é quase como desenvolver um tato intelectual:
o gosto de saborear o encontro entre quem conhece e o que se quer conhecer.

### *educação como produto e não como patrimônio*

Nas escolas públicas, é comum ouvirmos que a indisciplina dos alunos se explica pelo fato de virem de "famílias desestruturadas".
Nas escolas particulares, alunos de "famílias estruturadas" são facilmente rotulados como "mimados" para justificar comportamentos semelhantes.

A verdade é simples: a desestruturação atravessa todas as camadas sociais, independentemente da renda.

Esse quadro se agrava quando políticas neoliberais passam a tratar a cultura e a educação não como patrimônio coletivo, mas como mercadorias. Produtos negociáveis. Vendidos e consumidos como um lanche no McDonald's.

Cultura e educação, no entanto, são o material genético do corpo social.
Sementes que sustentam nossa identidade e o futuro coletivo.

Por isso, precisam ser cultivadas com segurança, respeito e o cuidado que de fato merecem.

### *à docência é um chamado*

Eu não entrei na Docência por Amor.
Eu encontrei o amor pela Docência.

### *educação I*

Quando alguém lhe toma algo material, rouba o **presente**.
Mas quando uma criança frequenta uma escola onde faltam aulas, ou quando há, faltam sentido e qualidade,
então, silenciosamente, estão lhe roubando o **futuro**.

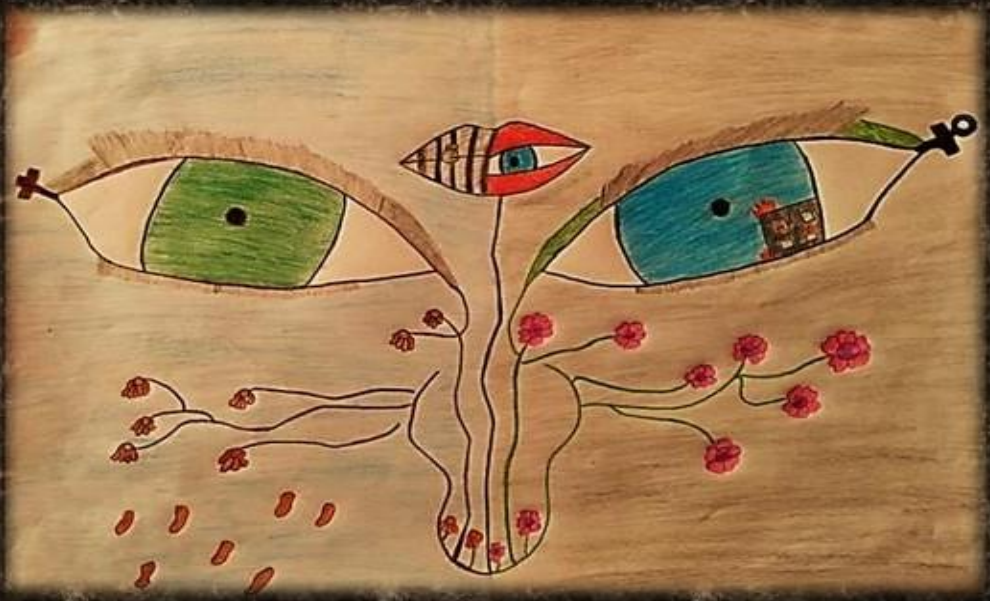
### *educação II*

Na escola da vida, bem e mal surgem misturados —
matéria bruta, disforme, sem direção.
Os caminhos se embaralham como um labirinto:
muitas entradas, quase nenhuma saída
e o risco constante de andar em círculos.
A escola não elimina o labirinto.
Mas ensina a atravessá-lo.
Ensina a discernir, escolher,
esculpir o próprio caminho.
E, no fundo, revela aquilo que todo verdadeiro percurso exige:
que o viajante descubra a si mesmo.

### *educação III*

Não é a escola que faz nascer o estudante.
É o desejo de ser estudante que leva alguém até a escola.

# *Filosofia Intuitiva II*



## RELIGIOSIDADE

### *religiosidade filosófica*

A felicidade invadiu meu espírito
no instante em que o matei para o mundo e
o renasci para a divindade.

### *religiosidade II*

Para ajudar os famintos
e os que carecem de afeto,
não é de pena que precisamos —
é de amor.

### *religiosidade III*

Ao afirmar que Deus existe,
que estamos aqui para aprender além de nós mesmos,
e que possuímos uma alma,
uma verdade se revela:
ter dois milhões no banco
ou dormir nas ruas importa pouco.
Nossa evolução espiritual não se mede pela classe social,
mas pela integridade e pelo cuidado moral
que refletimos em nossas ações com todos os seres da vida.

### *religiosidade IV*

Se uma criança nasce entre cobertores de praça
ou em berço dourado de pais milionários,
não é a Deus que devemos culpar.
As injustiças do mundo
não foram obra divina,
mas fruto do livre-arbítrio humano.
E é com esse mesmo livre-arbítrio
que podemos refazer o mundo —
mais justo, mais digno, mais nosso.

### *religiosidade V*

Não busque a grandeza de Deus
nas mansões ou nos títulos mundanos.
A grandeza de Deus está provada
no sopro da vida e na lei universal da morte —
que habita em todos os seres,
da menor formiga ao maior mamífero.
Para essas duas leis,
ninguém é mais, nem menos,
especial ou exclusivo.

# *Filosofia Intuitiva III*

## A MORTE E A VIDA

## *a morte e a vida*

*“Aprende a morrer — e eu te mostro como viver.”*
De tudo o que existe e escapa ao nosso controle, duas verdades se impõem com brutal simplicidade:
nascer é algo que nos acontece, e
morrer é algo que nos alcança.
Não pedimos para nascer,
e tampouco escolhemos morrer.
Mas entre essas duas margens —
do berço ao túmulo —
o rio da vida é navegado por escolhas.
Escolher é nossa natureza.
Ao despertar, escolhemos a roupa, o café, o rumo.
E mesmo quando dizemos “não sei” ou “não quero”,
já escolhemos.
A Filosofia nasce dessa consciência:
que viver é escolher com lucidez.
Escolher bem, para viver melhor.
Morrer, então, não é escolha — é destino.
Mas como lidar com aquilo que nos foi imposto?
Filosofar é conversar com a morte sem fugir dela. O
filósofo não deseja a morte,
mas a encara.
Porque quem compreende a morte, saboreia melhor a vida.
Já dizia um estoico:
*"Nascer é tão misterioso quanto morrer."*
Filosofar é perguntar e responder —
e perceber que cada resposta gera novas perguntas.
É nesse vai e vem que construímos
um sentido entre o princípio e o fim.

A morte tem muitas faces.
Aos 36 anos, olho para o menino de 2 que fui…
e percebo que ele já não existe.
As células mudaram,
a mente mudou,
o mundo já não me parece o mesmo.
Morri — e renasci — inúmeras vezes.
Cada mudança me arrancou algo.
Lembro da dor de não mais brincar com os brinquedos antigos, da frustração de não encontrar alegria onde antes havia magia. Do luto de deixar de ser quem eu era.
Vieram outros prazeres,
outros encantos —
e continuam chegando.
Também morremos em amores.
Cada coração partido é um funeral íntimo.
Mas aprendemos a amar sem posse,
sem forma definida.
Amamos ideias, causas, caminhos…
E essas perdas doem menos.
A Filosofia, afinal,
não elimina o medo da morte —
mas ensina a viver com sabedoria
e a morrer com serenidade.

## *a graça de não saber*

Talvez nascer seja só a porta de entrada neste mundo.
E morrer, a porta de saída.
Mas… o que há além?
O mistério de não sabermos de onde viemos nem para onde vamos…
É, talvez, a invenção mais genial de quem criou tudo isso.
E por que o filósofo agradece por esse segredo?
Ora… Não percebe? O quanto ele é bem guardado?
Se existe um lugar de onde viemos, não lembramos.
Quem já partiu, não voltou pra contar.
Esse silêncio vale para todos — ricos, pobres, poderosos ou anônimos.
Se existe um Criador… ética não lhe falta.
Dinheiro, status… nada disso parece fazer diferença para Ele (ou Ela).
Voltando à nossa questão:
É justamente esse mistério que alimenta todas as teorias —
científicas, filosóficas, esotéricas, religiosas…
Sobre o que há além.
E é esse suspense que dá à vida o sabor de um capítulo inacabado.
Qual será a próxima história?
E sim… aqui, eu fico com Sartre:
"O homem está condenado a ser livre."
Cada escolha de hoje molda o amanhã…
Um amanhã que, por sinal, ainda não nos pertence.
Vivemos dia após dia, sabendo que um dia vamos partir…
E provavelmente… sem aviso prévio.
Talvez a vida seja como um prato com todos os sabores:
doce, amargo, ácido, azedo… meio-doce, meio-amargo.
E mesmo assim… deliciosa.

Porque é justamente o mistério,
a ausência de certezas sobre o antes e o depois,
que dá sentido a essa palavra —
que, sim, também é bíblica: **Graça**.
Que significa: **presente**.
É isso. A vida é um presente.
Para ser vivida no **tempo presente**.
No gerúndio.
E… sem spoiler.

### *nascer e morrer*

Ninguém se assusta diante do mistério do nascimento —
o instante em que a vida irrompe do nada, sem aviso.
Um enigma tão absoluto quanto o silêncio e a imobilidade
que sucedem a morte.
O primeiro choro, o primeiro movimento:
sinais inequívocos de que aquele corpo agora manifesta vida.
Do mesmo modo, um dia, o silêncio e a rigidez
anunciarão a partida.
Se não tememos esse salto desconhecido que nos lança à vida,
por que, então, temer a travessia silenciosa para o que vem depois?
Nascer e morrer: dois portais igualmente impenetráveis.
Insisto: ninguém se espanta quando um bebê nasce.
Há algo de mágico, algo que parece natural,
ao ver um ser que, em seus primeiros gestos sensoriais e motores,
já carrega a consciência de estar vivo.
Esse sopro de vida não foi construído no ventre —
ele veio de algum outro lugar.
O mesmo sopro que hoje anima,
um dia deixará o corpo frio, imóvel,

sem qualquer sinal de vida manifesta —
restando apenas processos bioquímicos, que alimentarão outros seres.
Fica claro: o que nasceu não foi o corpo.
O corpo foi o veículo.
O que chamamos de filho, mãe, irmão, amigo, presidente —
foram papéis transitórios, habitados por esse ser em sua breve passagem.
A morte, nesse sentido, é apenas o retorno.
O que importa perceber é que aquilo que partiu pela porta de saída (a morte) é o mesmo que entrou pela porta de entrada (o nascimento).
E entre esses dois portais,
este ser viveu, se expressou. partiu.
e o mistério permaneceu

# *Filosofia Intuitiva IV*

## REFLEXÕES POLITÍCAS

## *auxílios assistenciais*

O debate em torno desses programas
frequentemente é controverso.
Qualquer auxílio material
é fácil de imaginar —
e as pessoas,
ansiosas para receber.
O verdadeiro desafio, porém,
seria criar um Auxílio da Honestidade,
para combater a corrupção.
Um Auxílio da Responsabilidade,
para conter a complacência.
Ou mesmo um Auxílio da Autonomia e Meritocracia,
para bloquear ganhos oportunistas.
Mas, para isso,
precisaríamos antes
de um Auxílio para Educação Sociopolítica e Cultural.
E isso, para ser sincero,
não seria mais um mero auxílio...
Requereria Reforma.
Começando por um banho Nietzscheano,
invocando a transvaloração de todos os valores.
Seguido por um chuveiro Sartreano,
pois o homem está condenado a ser livre.
E talvez, ao final,
possamos redescobrir
o telos supremo da pólis:
A felicidade há muito esquecida (Aristóteles).

***onde o medo não ensina***

Por trás da resistência, elasticidade e plasticidade,
habitam a disciplina, o respeito, a confiança,
o amor e a determinação aos objetivos.
Valores assim não precisam das Forças Armadas
para serem incutidos —
pois não devem nascer do medo,
mas do afeto, da convivência e da inspiração.
É pelo amor, através da arte,
dos projetos sociais, culturais e educacionais,
que se constrói um caráter livre e profundo.

***toda guerra começa com uma questão de linguagem***

O discurso de ódio brota da pressa em afirmar,
sem refletir, sem escutar,
sem contrastar palavras com fatos.
Mas há caminhos.
Podemos — e devemos — confrontar estatísticas,
revisar conceitos,
pensar antes de julgar.
Assim fez Marcelo Freixo,
ao oferecer um discurso lúcido,
capaz de romper com os muros do preconceito e
abrir espaço para o pensamento.

## *putz… e agora?*

Nasci na Paraíba, cresci em São Paulo — desde os nove meses.
Nordestino ou paulistano? Ser ou não ser?
Melhor: ser os dois, ou ser além.
Tenho um corpo que cresceu no concreto,
mas uma alma moldada por terra vermelha, rede e resistência.
Aprendi com os nordestinos da feira e do ponto de ônibus,
com os mestres da palavra: poetas, cronistas, teatrólogos e filósofos que o Sul costuma descobrir tarde demais.
Dizem que nordestino sofre preconceito.
Talvez.
Mas desconfio que o incômodo vem mesmo da força,
da inteligência, da graça — e da cultura que não pede licença.
Ser nordestino é saber demais pra ser ignorado e brilhar demais pra ser apagado.

## *pão e circo*

Votar por desconhecimento político já é catastrófico.
Mas votar movido pelo ódio — alimentado por discursos manipuladores — é ainda pior.
Se o desejo fosse realmente por mudança, o voto miraria em ideias novas, em projetos consistentes, não em rostos fabricados por marqueteiros.
O problema não é apenas escolher mal —
é não saber **por que** está escolhendo.
Pesquise sobre privatizações desenfreadas, terceirizações sem controle, o abandono da educação pública, o desmonte dos serviços essenciais.
E você começará a entender por que, por vezes, se governa apenas para uma parte — e não para o todo.
O voto que nasce da raiva é o primeiro passo para a frustração. O que nasce da consciência pode ser semente de transformação.

## *para além do bem e do mal*

Qual é a melhor expressão política?
Esquerda? Direita? Branco? Nulo?
Talvez a pergunta mais urgente não seja **em quem votar**,
mas **como votar**.
A maturidade política começa quando deixamos de tratar a urna como um confessionário
e passamos a vê-la como um instrumento de construção coletiva.
Votar não é escolher rostos, é avaliar ideias.
Não se vota em nomes, vota-se em **projetos de país**.
Li os programas de governo.

Tomei a história como espelho.
E escolhi não o discurso mais inflamado,
mas o projeto que considerei mais
capaz de melhorar a vida comum.
O compromisso, porém, não termina no voto.
Devemos permanecer atentos:
ao que será dito — e, sobretudo — ao que será feito.

### *para além do bem e do mal II*

Corpo e alma. Partido A ou B.
Esquerda e direita. Amor e sexo.
Homem e mulher.
Democracia e ditadura.
Céu e inferno.
Nascer e morrer —
duas faces da mesma moeda,
a vida, que nivela e une.
Nessa aparente dicotomia, nos reconhecemos,
mas também nos limitamos.
A dicotomia, antes que uma verdade,
é uma prisão da consciência —
e, nas mãos erradas,
uma arma de dominação.
Por isso, é preciso ir além:
rumo ao **UNI–VERSO**.
Pois a diversidade compõe os versos,
a pluralidade que enriquece a existência.
E a individualidade compõe o uno,
a essência que tudo abraça.
Aceitar o múltiplo,
abraçar o diverso,

é transcender a divisão e o conflito,
é libertar a consciência,
é abrir-se a uma metafísica onde
seremos o Ser no uno,
e a existência pulsando nos versos.
Assim, não apenas sobrevivemos às contradições,
mas as trans-formamos em sinfonia.

# *Filosofia Intuitiva V*

## A Filosofia e o Filosofar

## *qual é a utilidade da filosofia ?*

Para que serve a Filosofia? — perguntarão alguns.
Para nada! — responderão outros.
Bem... basicamente, a Filosofia discute, entre outras coisas, a vida e a morte.
Sobre a morte, questiona-se a possibilidade conceitual da existência de uma vida após a morte.
Sobre a vida, questiona-se a possibilidade **real** de estarmos "mortos", mesmo enquanto vivos.
E, dado que a morte é um destino certo...
Por que viveríamos incertos em vida,
com medo disto ou daquilo?
Superar a morte não é tornar-se imortal,
mas viver com certezas e convicções sobre
o que se quer da vida.
Para não buscarmos a felicidade onde ela não está, nem permanecermos onde ela não estiver,
ou — se quisermos — estarmos onde ela está, e ainda assim não percebê-la.
Para que serve a Filosofia?
Responder a essa pergunta... é filosofar novamente.

## complexo e simples

Eu amo a Filosofia.
Porque é ela quem me permite explorar
a trama complexa da vida —
para que, só então,
eu possa aprender a viver
com simplicidade.

## *o telos da filosofia: destino ou falha humana?*

Quando uma tragédia acontece, é comum ouvirmos:
“Foi o destino.”
Ou, em tom religioso:
“Foi vontade de Deus.”
Mas, antes de aceitarmos tais frases, é importante perguntar: o que estamos realmente dizendo ao afirmar isso?
Se chamamos algo de "destino", estamos dizendo que houve uma origem consciente, uma intenção, um remetente dessa carta que chamamos de vida.
E quem seria o autor? Deus? O acaso? O universo?
Se Deus for o autor, então é preciso assumir que foi Ele quem arquitetou cada detalhe:
O local errado, o momento errado, as pessoas erradas na hora errada...
Que foi Ele quem guiou cada decisão, inclusive as escolhas humanas que provocaram a tragédia.
Se formos por esse caminho, todo ato de negligência, irresponsabilidade ou descuido humano deixa de ser culpa nossa.
Vira parte de um roteiro divino, já escrito e inevitável.
Mas então, onde ficariam a ética, a responsabilidade, o aprendizado?
Onde estariam o mérito ou o erro?
Como punir ou corrigir algo que foi “determinado desde sempre”?
O papel da filosofia não é negar Deus, nem afirmar dogmas.
É perguntar.
É desfiar os fios do discurso até que a lógica se revele.
Se a tragédia foi resultado de escolhas humanas — imprudência, ganância, omissão, erro técnico ou moral — então estamos no campo da ética e da ação.
É o território onde se pode investigar, corrigir e, quem sabe, evitar novas tragédias.

Mas se foi o destino... então, diante disso, o que nos resta fazer? Deveríamos abandonar os sistemas de segurança? Os alertas? A prevenção?
Ou continuar agindo — mesmo que apenas para parecer que temos algum controle?
Falha humana ou destino?
Escolha um dos dois — mas esteja pronto para filosofar de novo.
Cada caminho abre novas perguntas… e nenhuma delas é neutra.

***dúvida como partida, verdade como destino***

*"Duvido para ter certeza."*
Não tenha **dúvidas**.
**Duvide.**
Não tenha **certezas**.
**Certifique-se.**
O medo de ter medo
Já é um **medo**.
A coragem de ter coragem
Já é a **coragem**.
Se menti para um, para esconder a verdade de outro,
Já **menti**.
Se disse a verdade para não encobrir a mentira,
Fui **verdadeiro**.
Se tenho todas as escolhas possíveis
E prefiro não escolher nenhuma,
**Já escolhi!**
Veja: ficar em cima do muro,
Esperando que os outros decidam por você...
**Impossível vencer!**
A lógica é simples.

A prática… também.
Se você diz que não confia em ninguém,
Por que **confiariam em você**?
Talvez tudo o que espera do outro
Tenha que **partir de você**.
Se acha que todo mundo é "filho da .....",
**Cuidado**: pode acabar se tornando um!
Duvide de todas as certezas.
Certifique-se de todas as dúvidas.
Procure um **sonho** para caminhar,
Uma **razão** para viver,
E, assim, **não irá se perder**.
Se tenho alguma certeza?
Sim, tenho — a maior de todas:
**Quem eu sou e aonde quero chegar.**
O caminho?...
Ah… esse sim,
Será uma **aventura seguir**.

## *ontologia do humano*

Quem é você?
Você é o aluno.
À sua volta, existe toda uma estrutura:
Teóricos, técnicos, administradores, cozinheiras, faxineiras…
Cada um fazendo sua parte.
E eu? Chegou a hora de me apresentar:
Sou o professor.
Você é o aluno, o educando, o discente.
Mas na sala de aula, ambos somos aprendizes.
Na nossa profissão, tudo cresce:
O amor, o saber, as experiências.
(Ok… menos o salário. Mas isso é outra conversa.)

Muitos dizem:
“Esse sonho não é meu!”
Acreditam que vivem em função dos filhos, dos pais, da família, do amor…
Mas, no fundo, quase todos querem —
E poucos lutam —
Por algo que sustenta todas essas outras coisas:
A liberdade.
Pela liberdade, um jovem desafia os pais e vai morar com o namorado(a).
Mas não é por ele(a)…
Porque, se um dia ele(a) tentar tirar sua liberdade, ele(a) partirá também.
Talvez por outro(a), talvez apenas por si mesmo(a)…
Talvez só pela própria liberdade.
A liberdade individual é disputada todos os dias.
Mas a liberdade coletiva, social, política…
Poucos a buscaram.
Porque ela custa caro.
E o preço… é a vida.
A geração dos anos 60 e 70 sonhou com isso.
Com uma liberdade real:
De expressão, de ir e vir, de organizar, de pensar.
Lutaram por ela.
E hoje?
Vivemos numa época em que a liberdade de ir e vir é um direito.
Mas cultura, educação, saúde, trabalho, lazer…
Ainda estão longe de serem garantidos com dignidade.
A geração atual carrega uma liberdade conquistada por outros.
Uma liberdade herdada, mas muitas vezes não questionada.
Não se trata de culpa ou julgamento,
Mas de reconhecer que agora o desafio é outro:

Libertar a mente.
Se antes éramos prisioneiros do corpo, mas livres para sonhar,
Hoje somos livres no corpo, mas prisioneiros de uma cultura rasa.
O novo trabalho é esse:
Libertar a mente para pensar a liberdade.
Pensar sua direção.
E, então, retomar lutas que ainda continuam:
Por educação, moradia, saúde, trabalho… com dignidade.
Em algum momento da história parece que o poder disse:
— Eles querem liberdade?
— Vamos dar.
— Está louco?!
— Não… vamos dar a liberdade de andar e falar…
Mas sem cultura, sem educação, sem base crítica.
O resultado?
Uma sociedade livre, mas muitas vezes desarticulada.
Capaz de votar… mas nem sempre de escolher com consciência.
Não se trata de desânimo.
É apenas um convite:
Pensem.
Gandhi, preso, foi capaz de libertar uma nação.
Porque liberdade com inteligência… dá nisso.
Uma nação livre, mas analfabeta política,
É, no fundo, escrava de si mesma.
Somos livres?
O que é, de fato, a liberdade?
Responder isso…
É filosofar novamente.

**eu e a filosofia (amante da sabedoria)**

A Filosofia, que é a minha amada,
me levou a compreender — heraclitianamente —
que o mundo está em eterno devir.
Por isso, deleuzianamente,
eu me encontro no meio,
entre linhas de fuga e forças que me atravessam.
Aceitando essa órbita,
preciso lutar contra o ressentimento —
e, nietzschianamente, me transmutar.
Ao transmutar,
lanço-me dionisianamente na potência de viver.
Assim, estarei pronto para aceitar, heideggerianamente,
que sou um ser-para-a-morte.
Depois desse banho conceitual,
minha amante Filosofia me ensinou o essencial:
Neste mundo, nascer é a porta de entrada;
morrer, a porta de saída.
E essa regra carrega outra, mais funda:
não sabemos de onde viemos,
nem para onde voltaremos.
Se assim é,
então viver comunitariamente em paz —
fazendo com que cada ação seja boa para si e para o outro —
talvez não seja apenas uma escolha ética.
Talvez seja a única condição de suportar esse mistério

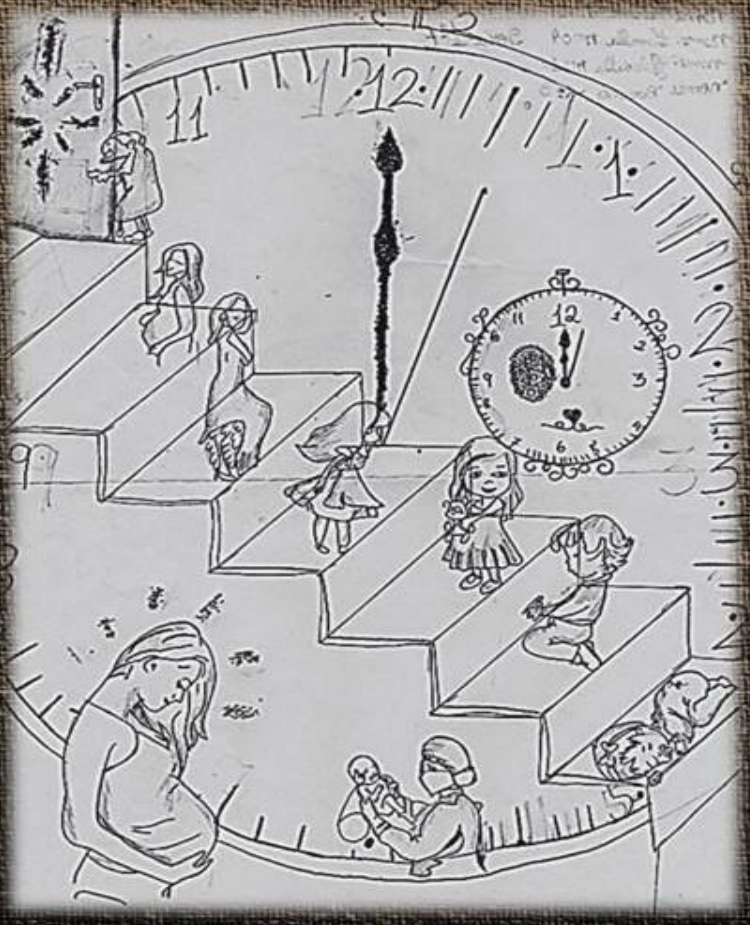
## *o amor para o filósofo*

Mais do que alguém para amar,
O filósofo busca o próprio ato de amar.
Pois o Amor, junto com a Verdade,
É o caminho mais direto até a Felicidade.
Amar na mentira,
Ou de forma fingida e vazia,
Torna-nos tristes, descontentes,
Vivendo uma ilusão que só fere, só esfria.
A Verdade, que aqui se revela,
Não é a que gritam nas ruas, nem a que vendem na novela.
É aquela que mora, discreta, em você,
Que te faz parar e pensar:
Vale mentir para não sofrer?
Ou é melhor a dor de, um dia, a verdade encarar?
Quando dizemos que amamos:
O filho, a esposa, o carro, a profissão,
O emprego, a casa, ou qualquer outra paixão…
Cabe ao filósofo, com atenção,
Perguntar com exatidão:
Qual a essência dessa emoção?
Pois se amanhã perdermos tudo o que hoje nos cerca,
Se o chão faltar, e a vida for incerta…
O que restará de nós, afinal?
Amávamos o objeto… ou o ato essencial?
Por isso o amor, para o filósofo,
É mais do que simples sensação,
É um estado de espírito,
É atitude, é compreensão.
O verdadeiro desafio, a cada amanhecer,

Não é o problema do dia,
Nem o medo de sofrer.
É olhar o mundo com amorosidade,
Mesmo quando tudo convida à frieza e à ansiedade.
Nossos olhos são janelas,
As emoções, suas lentes mais fiéis,
E ao trocar essas lentes,
Mudamos o mundo…
Mudamos os papéis.
Se o mundo parece mau, injusto, sem solução,
Que tal mudar o olhar, mudar a percepção?
Todos falam dos que fazem o mal,
Poucos enxergam os que fazem o bem, no mundo real.
O mundo é, antes de tudo,
O espelho da mente:
Se somos pessimistas,
O fracasso surge, iminente.
Se somos otimistas,
O sucesso já vem, sorridente.
Mas para o filósofo, o sucesso verdadeiro,
Não está no ouro, no aplauso, ou no dinheiro.
Está no simples viver,
No amar cotidiano,
No olhar sincero,
E na entrega de cada instante, até o fim derradeiro.
E quando a morte enfim bater,
O filósofo não terá do que se arrepender.
Pois cada ato, cada escolha, cada querer,
Foi feito com amor,
Com verdade, Com pleno saber.
Em sua boca, o "se" não tem morada,
Pois tudo o que faz,

Vem da alma engajada.
Amor e Verdade,
Dois irmãos, dois pilares,
Que sustentam sua jornada
E o guiam pelos lugares.
O amor pode ser conjugal,
Profissional, Material,
Ou até por um ideal.
Mas o filósofo, com olhar atento,
Sabe: tudo isso é objeto,
Jamais o fundamento.
Antes de amar alguém ou alguma coisa,
Vem o ato de amar:
Uma escolha corajosa.
Amar, para o filósofo,
É uma compreensão que expande,
E fazer tudo com amor,
É sua resposta constante.
Por que faço teatro?
Por que ensino filosofia?
Por que ajudo quem precisa,
Sem esperar por cortesia?
Por que pratico karatê com alegria?
Porque amo fazê-lo,
E nessa entrega, eu me realizo.
O filósofo, no fim,
Não busca só fazer o que ama…
Ele aprende, a cada manhã,
A amar tudo aquilo que faz,
Enquanto vive…Enquanto respira…
Enquanto caminha na vida…
Sem jamais olhar para trás

# *Filosofia Intuitiva VI*



## TEMAS DIVERSOS

### *traição e humor*

Se, por acaso, você chegar em casa e encontrar sua/seu amada(o), nua/nu, na cama com outro(a) — em plena ação, sem espaço para mal- entendidos — e ela(e), surpresa(o), exclamar:
"Amor, não é o que você está pensando!"
E você, já quase rindo da audácia, devolve:
"Ah, que alívio... Pensei que fosse o que eu estou *vendo*!"

### *sexualidade*

O orgasmo do homem é dado,
o da mulher, conquistado.
Pressa e egoísmo no momento
fazem o homem perder
esse espetáculo encantado:
o clímax feminino.

### *seja*

Não faça para impressionar.
Impressione pelo que faz.

### *o protagonista*

O mundo te desafia, mas não te guia,
oferece escolhas, mas não escolhe por ti.
Ensina, porém não ajuda a aprender.
O mundo não é educador —

## *o agora*

Não sei se estarei empregado no ano que vem.
Não sei como pagarei a faculdade, o aluguel e outras despesas.
Mas isso não me estressa, nem me abala.
Também não sei se estarei vivo amanhã.
Foi entre as incertezas da vida mundana e
a certeza da morte,
que encontrei a delícia de viver.

## *dia e noite*

O dia escurece meus pensamentos.
Espero a noite para clareá-los, pois
de dia não vejo os atores — vejo
apenas personagens.
À noite, os atores dormem. Só dormem.
Não sonham mais, nem de dia, nem de noite.
São descendentes de Serra Pelada,
escravizados por homens vestidos de ambição e
travestidos de boas intenções.
Por isso, não sonham mais.
Não sonham ao dormir, nem acordam para sonhar.

# *Filosofia Intuitiva VII*

## POIESIS E LOGOS

## *não sei rimar*

Não sei rimar a rima que pede palavras que façam pensar,
onde as frases precisam formar um conceito —
conceitos que se tornem convite a filosofar
sobre diversos temas, sem medo ou preconceito.
Não, não me peça um texto rimado.
Não sei rimar, não quero escolher palavras
nem calcular métrica. Prefiro o improvisado.
Se me permite… é assim que vou escrever:
improvisado, rabiscado e intuitivo.
Só assim sei fazer.
Não escolho o tema,
nem o que vou dizer.
Vou escrevendo, deixando
o tema acontecer.
Não sei rimar…
essa preocupação não me guiará,
não me forçará a excluir palavras
só porque não rimarão
num texto que nem tem essa pretensão.
Não!
Parei…
quero escrever um texto para o livro…
**Filosofia Intuitiva**.
Achei:
palavras aleatórias das quais me sirvo.
Criei:
de maneira primitiva,
um método socrático para escrever.
Sócrates gostava do:
**"Só sei que nada sei."**
Então...

Não sei se a Filosofia pode acalmar o dia,
quando o que acontece é um ato de ousadia
que eu não escolhi, não queria.
Como chamar o dia de meu,
se ele é passageiro, espectro vadio?
Se só posso optar
entre o sim e o desvio,
nesta dança de sombra e desafio?
A rima que me foge convida a entender:
não é só sonoridade,
mas palavras que querem nascer —
independente de a rima florescer.
Seja plano com desengano,
fulano com sicrano,
pão com mão,
furto com revolto…
Lembro que, no Brasil,
ladrão pobre sempre rimará com prisão.
Agora… ladrão rico?
Esse, a justiça não viu.
Segue solto,
navegando em seu ato vil,
enquanto eu permaneço
refém do trabalho sutil.
Queria que o poema seguisse rimando…
amor com ardor,
dignidade com liberdade,
e justiça… com fervor.
Mas não há rima exata.
Há rima de alma e de ética,
na beleza da vida,
na construção poética.

Filosofei, filosofei…
mas nenhum porto achei —
só um rio de perguntas,
onde a rima se perdeu,
e eu me encontrei.
Volto ao começo,
ao silêncio do rimar,
e ao vício de questionar
que não sei calar.
Não sei rimar?
Não tenho resposta clara.
Será que o poema depende da rima?
Ah… isso eu deixo pra você,
que agora me encara

### *poema: o gato, a lua e o sol*

Um certo gato tinha princípios,
para viver bem, com leveza amorosa.
Se fosse traído, não voltaria,
e jamais se encantar com gata vaidosa.
Princípios são para equilibrar a vontade e os desejos,
porém, quando o desejo é maior que a razão,
as coisas se tornam difíceis de conter,
e o gato se vê refém da paixão.
Ele está passando por esta dificuldade:
se apaixonou pela Lua, bela e fria, que
por sua vez é uma "gata",
que encanta o peito em melancolia.
Disto tirou uma lição verdadeira: uma
paixão tem força que desafia,
podendo tanto destruir um princípio
quanto erguê-lo em nova poesia.

Antes da Lua se aproximar do gato,
quando o Sol estava longe e ausente, ele
conseguia seguir seus princípios,
mantendo o coração indiferente.
Agora o gato não consegue ficar
sem falar com a Lua, mesmo distante.
Ela virou seu hábito, sua espera,
sua presença constante e vibrante.
Este ponto da paixão é agudo, deixa
o gato numa decisão crucial: seguir
um desejo que é chama viva ou um
princípio que soa racional?
Ah! Ao lado da Lua, tudo se inclina, e
só lhe aparece com brilho o ensejo: um
novo princípio se ergue no peito:
seguir — com todas as forças — o desejo!

# *Filosofia Intuitiva VIII*

## O Teatro e a Filosofia

### *tablado de ilusões da verdade.*

O teatro imita a vida, não só por lidar com a "realidade", mas
porque a própria realidade talvez seja feita de ilusão. Entre
tantas simulações — no palco da vida ou no da cena —
resta-nos uma única certeza: a crença.
Na vida, acreditar em si.
No teatro, acreditar no personagem.
Só assim brilhamos em ambos os tablados.

### *teatro e filosofia*

O teatro me ensinou a divertir e emocionar plateias,
fingindo ser outros.
A filosofia me ensinou a divertir e emocionar pessoas, sendo
eu mesmo.

### *arte e filosofia*

O mundo veste máscaras
e fecha as cortinas
para esconder a verdade.
Nós, artistas,
usamos máscaras
e abrimos as cortinas —
para revelá-la.

### *eu sou o Hipócrates (ator)*

E ao final do espetáculo, tu chorarás de verdade…
por uma emoção que eu vivi de mentira.

# *Filosofia Intuitiva IX*

**Para pessoas queridas e acontecimentos extraordinário**

***para minha amiga Suely***

Se a morte viesse me buscar agora e me perguntasse:
Está preparado? Já viveu tudo que desejou? Eu responderia:
Ainda há sonhos que não realizei —
dirigir meu filme, vê-lo nas telas do cinema e do streaming;
escrever livros como *O Padrão Atômico*, *Estética: o Belo e o Perigo* e *O Nascimento e a Morte do Cinema*; concluir o doutorado,
ser professor universitário.
Sonhos que ainda persigo,
e gostaria de realizar, se houvesse mais tempo.
Mas, espiritualmente,
não guardo rancor, ódio ou ressentimento.
Há amor —
amor pela vida que escolhi,
pela família, pela esposa Diana Rocha,
pelos alunos, amigos, colegas,
e por todos os seres que habitam este planeta.
Até mesmo uma barata merece compaixão —
e às vezes, eu as poupo.
Hoje, vegetariano,
admiro profundamente quem escolhe esse caminho.
Um dia, espero caminhar ainda mais longe.
Por isso, à morte, eu diria:
Estou, na medida do possível, preparado para partir.
Mas não estava pronto para dizer adeus a Suely,
que partiu sem aviso,
quando eu planejava visitá-la esta semana.
Sei que você, Suely,
diria com sua ternura:
— Relaxa, Gê, a vida aqui é tão corrida.
Mas fomos nós que deixamos o tempo escapar —

acelerado, distraído, fugaz.
Não pertencemos ao nascer,
nem ao corpo — apenas um veículo nesta jornada —,
às posses, títulos ou à morte.
Nada disso levamos conosco.
O que realmente temos é o viver —
a escolha de como viver.
É possível desacelerar,
mudar o ritmo,
visitar amigos enquanto ainda estão aqui.
Saudade e aprendizado,
presentes que você deixou.
Meus alunos teriam amado ter você como professora.
Você foi única.
Fizemos uma dupla memorável.
Carrego um pouco de você no modo de ensinar,
mas sua paciência, ternura e atenção,
impossível replicar.
Obrigado, Suely Batista. Vivemos milagres naquela comunidade.
Um dia, também partirei,
e continuaremos essa conversa num lugar onde,
o tempo não existe,
e justamente por isso,
sobrará tempo para simplesmente existir.

## *um reencontro emocionante*

Queria estar vacinado com a segunda dose,
e que os jovens estivessem, no mínimo,
vacinados com a primeira.
Seria o ideal, sem dúvida.
Mas, mesmo sem essas condições perfeitas,
fiquei emocionado ao rever os alunos presencialmente.
A saudade que sentia deles era imensa —
tão grande que as palavras não a alcançavam.
Ao vê-los, misturei alegria e estranheza,
como se precisasse reaprender a ensinar.
E, como um bebê, fui saboreando aquele instante,
enquanto o ato pedagógico se entrelaçava no destino.
Ali, um professor ia surgindo,
através de um filósofo-menino.
Percebi que a expressão "chão da sala de aula"
não é mais uma metáfora — ela é literal.
E, como ator, afirmo: preciso dessa plateia,
da presença viva dos alunos,
do encontro visceral, cara a cara.
Mesmo com o risco de morrer,
pude sentir a vida pulsando no ato docente.
Obrigado, alunos da E.E. José Fernando Abbud,
vê-los hoje encheu meu coração de alegria.
Que as autoridades — Governo de São Paulo —
acelerem a vacinação. E que lutemos, com todas as forças,
pela educação presencial.
Disso, jamais deveremos abrir mão —
pais, alunos e docentes, juntos.

## *o acontecido, porém ainda não vivido*

O tempo se abre desconhecido diante de mim.
Não é uma folha em branco —
é como um bote salva-vidas compacto,
pronto para se desdobrar num instante.
Assim foi a criação do universo:
num segundo, tudo se abriu —
tempos, espaços, formas de vida —
um segundo que, para nós, equivale a trilhares de anos.
Creio que vivemos e sentimos apenas o presente,
um fragmento de um tempo e espaço já construídos,
como uma lâmpada que só acende
quando a energia passa por ela.
Mesmo assim, há espaço para o livre-arbítrio,
pois o tempo está dado, acontecido —
mas ainda não vivido por mim,
nesta existência de "ser-para-o-presente" e "ser-do-presente".
Não sou eu que trans-corro no tempo,
é o tempo que trans-corre em mim —
como os frames de um filme,
que só ganham vida ao serem projetados na tela.
Essa é a beleza de estar "preso" no corpo,
na consciência do presente,
trans-formando o já acontecido
em experiência inédita, ainda a ser vivida e sentida.
Assim, estou pronto para re-conhecer e viver
as escolhas que já fiz.

***para meu amigo Waltão***

Uma amizade nascida na infância.
A vida adulta não destrói nem separa.
Quando amigos assim se reencontram,
são duas crianças na forma adulta,
a reviver sonhos adultos
na inocência da criança.

# *Filosofia Intuitiva X*

## A filosofia do self

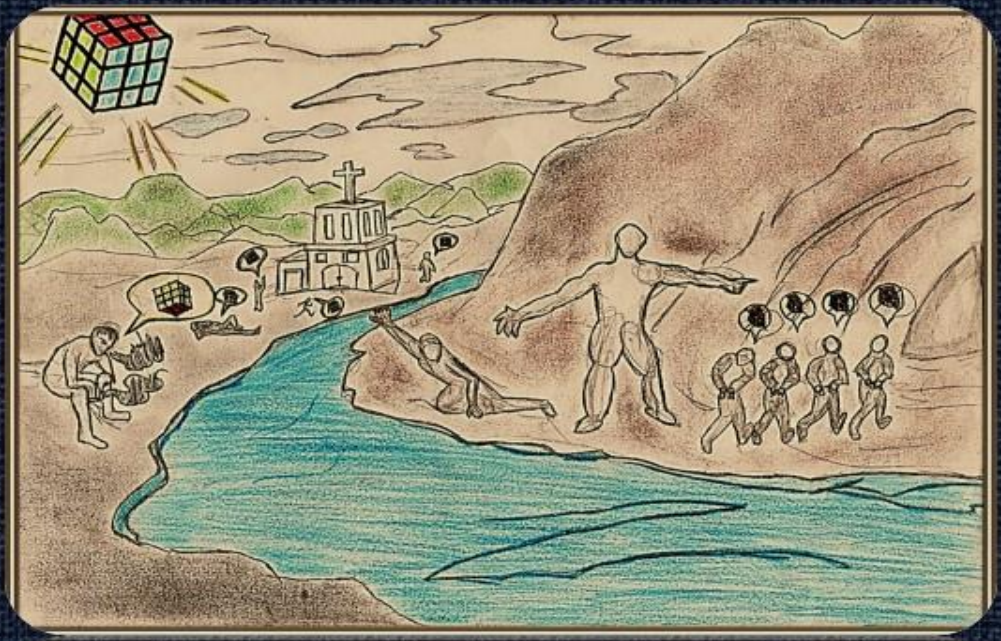
### *o que posso ser*

Não —
não sou meu nome.
Esse som que me chama poderia ser outro,
e ainda assim eu responderia.
Não —
não sou minha profissão.
O ofício que exerço é só um gesto entre tantos
que minha carne poderia ter ensaiado.
Não —
não sou o saldo das minhas experiências,
nem sou apenas o que aprendi nas escolas,
nas ruas ou nos livros.
Tudo isso poderia ser diferente.
Bastaria um desvio de vento,
um outro lugar, uma outra infância,
e eu seria outro —
sem saber que fui este.
Por isso, o mistério do existir
não repousa na pergunta:
**“Quem sou eu?”**
Mas no espanto diante do acaso:
**“Por que sou este?”**
Pois diante de trilhões de eus possíveis,
sou este —
com este corpo, este tempo, este agora.
E quando essa pergunta se acende,
tão íntima e tão imensa,
ela atravessa os domínios da ciência,
e escorrega — inevitável —
para os campos da teologia.

## *minha vida*

Não se trata apenas de um pronome possessivo —
esse “minha” que parece caber em qualquer coisa.
Antes, é um imperativo :
a vida é nossa, ainda que a chamemos de “minha”.
E é incrível imaginar:
esta vida que ganhamos de graça —
pela graça da Natureza, sem pedido, sem contrato —
foi simplesmente dada. Única. Rara. Intransponível.
Alguns a vendem. Outros, alienam.
Alguns, a dissolvem em vícios.
Mas fora **sua vida**,
tudo o que você chama de “meu” —
meu carro, meu apartamento, meu cigarro, meu dinheiro —
tudo isso precisa ser conquistado, duramente, com esforço, suor
ou sorte. E é curioso:
há quem cuide dessas coisas com tanto zelo,
que daria a vida por elas.
Mas a vida — essa que nasce **minha** —
não vale menos por ter sido gratuita.
Não vale menos por não ter sido pedida.
Ao contrário. É justamente por não termos pedido para nascer
que viver se torna um milagre discreto.
Talvez, por medo, egoísmo ou covardia,
se nos fosse dada a escolha de:
pagar para nascer ou optar por vir ou não ao mundo —
talvez recusássemos.
E assim, quem sabe, estaríamos livres de uma vida efêmera e intensa…
mas presos numa eternidade monótona.

# *Filosofia Intuitiva XI*



## A FILOSOFIA ACONSELHA

### *conselho de um ermitão*

... E o filósofo diz:
Não se perca nos próprios objetivos que criou.
Eles não são labirintos.
São apenas guias — e nem sempre um mapa claro.
Mais do que te levar a algum lugar,
eles existem para que, ao segui-los,
você possa se encontrar.
No fim, é você quem é o destino, a jornada, e o próprio caminho.

### *amor, comida e temperos*

A receita da lasanha está no Google, fácil de encontrar.
Mas o tempero… esse só vem do amor que cada um sabe dar.
Podemos amar o que conquistamos — com esforço, com luta.
Mas amar… e ser amado…
Esse é o tempero que pode faltar.
E não há receita pronta que ensine a amar assim.
O que podemos fazer é simples:
Quando o amor — de e por seu/sua amado(a) — chegar…
Valorize.
Viva.
Faça real.

### *a mulher que precisamos*

Alguns homens ainda não entenderam:
não se tem uma namorada porque *"é preciso ter uma mulher"*.
Se estamos com uma determinada mulher,
é porque, entre todas, **ela é — em especial —**
**a mulher de que precisávamos.**

### *sozinho e solitário*

**Sozinho**: alguém que, mesmo sem ninguém por perto,
nem sempre se sente solitário.
**Solitário**: alguém que, mesmo acompanhado,
sempre se sente sozinho.

### *sabedoria e conhecimento*

Um dado. Um caractere.
Como as cinco vogais e as vinte e uma consoantes.
Com esses dados, construímos um código: filosofar.
Ao explicar o que é filosofar, transmitimos informação.
Assim como ao contar um fato histórico.
O conhecimento, então, é saber o sentido de cada caractere aqui escrito.
É recolhê-los como palavras…
Depois, como frases.
Sabedoria?
Ah… essa é outra história.
Sabedoria é explicar — e perceber —
a diferença entre saber e conhecer…
De tantos modos.
Por tantos caminhos.
Pela poesia, pela ciência, pela filosofia…
Mas, principalmente:
É reconhecer que este texto…
Talvez trouxe informação.
Talvez, algum conhecimento.
Mas a transmutação em sabedoria…
Essa só você pode fazer.

## *respeito e a ética do dever*

A palavra **respeito** vem do latim *respectus*:
**"olhar outra vez"**.
Respeitar, então, não é apenas obedecer.
É enxergar de novo.
É compreender o outro com atenção renovada.
Se quisermos manter a civilidade, precisamos dessa liga invisível,
como o cimento que une a água e a pedra.
A conhecida frase:
**"Respeite para ser respeitado"**
tem sua verdade, mas ainda é rasa.
Respeitar não é só uma exigência social,
é o próprio **fundamento ético**
que nos conduz ao dever.
É olhar outra vez…
Desta vez, para o *ethos* —
refletir sobre o que somos enquanto comunidade…
e depois agir.
A liberdade, por sua vez, não é uma coisa, um objeto ou uma posse.
Ela é um fenômeno.
Algo que só **aparece**
quando dois ou mais seres se tratam com respeito.
Aqui surge o ciclo virtuoso:
**Primeiro o respeito.**
Do respeito, nasce a liberdade.
Com liberdade, surgem os conflitos, os encontros, os debates…
E para que tudo isso continue a existir,
**o respeito precisa se renovar**.
Ou seja:
O respeito não é apenas boa educação, nem mero dever cívico.
Ele é o **nascedouro**.

A **gênese**.
A **manutenção vital da liberdade**.
Porque a liberdade…
não é substância.
Não é material.
Nem apenas psicológica.
Ela só existe onde há seres capazes de se compreender
para respeitar…
e se respeitar para continuar a compreender.

### *não compreenda, viva!*

Os jovens, quando são adolescentes, raramente se compreendem — e o mais curioso é que, quando enfim se entendem... a juventude passou!! São adultos!.

### *o protagonista*

No grande palco da vida, quem decide se você será coadjuvante
ou protagonista,
é você mesmo.

### *philia e sophia: o coração da filosofia*

Aos que dizem não gostar da Filosofia,
Não temam essa palavra fria.
Pois embora pareça só lógica e razão,
Ela nasce do coração —
Philia, amor que guia a mão,
E Sophia, a pura sabedoria em canção.
Não é só cálculo ou mera análise,
É um encontro, um enlace,
Entre o sentir e o pensar,
Onde o saber e o amar, Se unem para nos libertar.

### *o amor e o filósofo*

Se uma amada perguntasse a um amante filósofo, não correspondido:
— Por que é tão difícil para você me esquecer?
Ele responderia:
— Sei que você pode encontrar um namorado melhor que eu,
E eu, uma namorada melhor que você.
Mas tenho certeza de que nenhum namoro seria melhor que o nosso.

### *vida e filosofia*

Alguns acham radical a postura de Diógenes de Laércio — o Cão,
que viveu sua existência suprimindo desejos, guiado por sua filosofia.
Eu diria que mais radical é existir apenas guiado pelos desejos,
sem jamais buscar uma filosofia para orientar seu viver.

### *sabedoria e ignorância*

Um ignorante pode até ser senhor dos outros,
mas será sempre escravo de si mesmo.
A sabedoria, por sua vez, nos torna senhor de ambos.

### *cuidar, fofocar e xeretar*

Muitos reclamam de quem "cuida" demais da vida alheia,
mas cuidar pressupõe afeto, amor e atenção verdadeira.
O que alguns fazem é só xeretar, fofoquear, sem coração,
confundindo cuidado com invasão.
Então, quem quer cuidar de verdade,
procure voluntariar-se, ajudar, doar.
E quem só quer fofoquejar, comece CUIDANDO da própria vida
com a mesma dedicação com que xereta a dos outros.

### *coragem e medo*

Você nunca terá coragem para enfrentar o mundo,
se antes não tiver a mais essencial das coragens:
a de enfrentar o medo.

### *amor, amado e amante*

Não importa quantas teorias a Filosofia, a Psicologia, a Neurologia ou a História criem sobre o amor.
Para o amante, nada disso faz sentido.
Ele só quer — e só entende —
quando, enfim, está ao lado do amado.

### *o virtual e o real*

Ainda espanta alguns o fato de que algo dito nas redes sociais —
no chamado mundo virtual —
possa ferir ou emocionar alguém de maneira
tão concreta no mundo real.
Mas é simples:
quem disse foi uma pessoa real.
Uma palavra, seja ela ofensiva ou generosa,
não perde seu teor só porque não foi dita "cara a cara".
O que poucos percebem é que,
mesmo no mundo físico,
a palavra já é fruto de um processo técnico e orgânico.
Ela nasce num cérebro,
atravessa um corpo
e, por um sistema biológico preciso —
que envolve o aparelho respiratório, o diafragma, as cordas vocais, a boca, a língua — ganha forma, som e direção.

No mundo virtual, o que muda é apenas o meio e o percurso.
Em vez de atravessar o ar,
a palavra segue por outra engenharia:
software, hardware, cabos, satélites, placas e chips.
Mas o ponto de origem é o mesmo:
um ser humano.
E o destino também:
outro ser humano.
A palavra pode estar no virtual,
mas aquilo que ela provoca —
seja dor, riso, amor ou indignação —
será sempre real.
Sentida em um corpo, em uma mente, em uma alma.

### *sexo, amor, corpo e verdade*

Há quem insista em separar o que a natureza uniu:
sexo e amor, corpo e desejo.
Criamos mitos fáceis de repetir:
que o homem só quer prazer e não ama,
e que a mulher só ama, mas não deseja.
Enquanto isso, na parte mais silenciosa de nós,
onde não moram as palavras,
pênis e vagina seguem se encontrando,
se entregando, se esbaldando no que a biologia
sabe fazer melhor: sentir.
Podemos seguir julgando com o velho moralismo:
dizer que o homem finge amor para ter sexo,
e que a mulher faz sexo fingindo ser amada…
Mas o corpo desconhece tais teorias.
Ele apenas responde,
com a simplicidade de quem sabe viver,
ao chamado da vida que pulsa.

O amor?
Este vem depois…
ou durante…
ou nunca.
Mas o corpo —
este sempre sabe o que quer.
Porque, no fim,
o corpo não mente.

### *a filosofia contra-argumentos homofóbicos*

Quando nascemos,
a natureza nos dá, como órgão genital,
uma vagina ou um pênis.
Mas não se define "homem" ou "mulher"
apenas pela diferença anatômica para urinar.
Somos, antes de tudo, seres humanos —
e como tais, merecemos respeito.
Pois a identidade de gênero
se constrói e se define ao longo da vida,
atravessada por fatores sociais, culturais,
emocionais e históricos.
Existem múltiplas formas de ser
e de se identificar.
Essa construção não é biológica,
mas profundamente humana.
O prazer sexual é um universo vasto,
explorado por héteros, bissexuais, homossexuais,
transexuais, plurissexuais
e tantos outros
que habitam as muitas formas
de desejo e afeto.

Nesse universo,
pouco importa se é pênis com pênis,
vagina com vagina,
pênis com vagina,
ou qualquer outra configuração
de corpos e identidades.
As carícias se expressam pelos corpos,
mas o prazer é sentido pelas almas.

## *eros, desejo ou philos?*

Ficar com todas ou amar uma só?
Mesmo para quem escolhe a primeira opção, amar uma parece mais óbvio… e talvez mais vantajoso.
Mas por que tantos preferem a quantidade?
Será que a musa da Filosofia se posicionaria?
Posicionar-se? Não exatamente.
Mas filosofar… certamente.
Comecemos pelas palavras: Zoé e Bios.
Zoé: a vida que partilhamos com todos os seres vivos.
Bios: a vida da consciência, da razão, da contemplação.
Aristóteles descreveu quatro modos de vida:
Primeiro, a vida guiada pelos prazeres imediatos —
a dos bárbaros, das bestas errantes.
Segundo, a vida da acumulação,
onde possuir vale mais do que viver bem.
Terceiro, a vida política:
honra, virtude, reconhecimento.
Por fim, a vida contemplativa:
o ápice da existência humana.
Sim, somos animais.
Mas podemos ser mais que isso.
Podemos escolher, transcender, conquistar dignidade.

E por falar em escolhas…
O mundo ainda é um lugar onde muitos amam sem saber amar.
Onde o prazer é quase sempre garantido a um —
e conquista difícil ao outro.
Sempre soube — e reafirmo:
O orgasmo masculino quase sempre vem.
O feminino… é uma arte.
Uma conquista.
Uma canção que pede sensibilidade.
Vejo o corpo da mulher como um piano.
E ao tocá-lo, é preciso mais que desejo:
É preciso escuta.
É preciso intenção.
É preciso cuidado.
Erich Fromm ensinou:
Amar é cuidar.
É ter responsabilidade.
É respeitar.
É conhecer o outro.
Cuidado: vem de cuidar.
Responsabilidade: é ter que responder.
Respeito: é olhar com atenção — “respicere”, em latim.
Amar é mais que agir:
É ser músico de si e do outro.
É sentir.
É afinar-se à alma alheia.
Muitas mulheres parecem frias.
Outras dizem que não conseguem sentir.
Mas, talvez, o que falte seja apenas… um artista.
Alguém que saiba tocar com amor.
Ficar com todas ou amar uma?
Escolher… é filosofar com o corpo, a alma e a razão.
Compete apenas a você . Essa decisão.

**Vida e Problemas**

Não há vida sem problemas.
Após o ato de nascer, no primeiro segundo de existência,
impõe-se o primeiro — e que nos acompanhará até o último suspiro:
a sobrevivência.
Essa condição perpassa não só os humanos,
mas todos os seres vivos.
E claro, dela derivam todos os demais problemas:
ter que trabalhar, estudar para ganhar um pouco mais,
tentar montar um negócio que sustente conforto,
encontrar alguém para compartilhar a vida —
e, nesse caminho, quantos desamores...
Se alguém disser
"Queria uma vida sem problemas",
eu traduziria essa frase como:
"Não gosto da vida, não gosto de viver."
Pois ter problemas é condição ontológica do existir.
A palavra problema vem do grego **próblema** (πρόβλημα),
que significa "aquilo que é lançado à frente" ou "o que se apresenta".
Deriva do verbo **probállein** (προβάλλειν),
composto por **pro-** (à frente) e **bállein** (lançar, atirar).
Fomos justamente lançados aqui.
A vida, da raiz proto-indo-europeia *$g^{w}eih_{3}w$,
significa não apenas existir,
mas estar em ação —
em movimento, funcionamento.
Assim, vida e problemas vêm juntos, inseparáveis,
desde o primeiro suspiro:
somos atirados ao mundo (problemas),
e temos uma vida a manter (vida em ação).
Dessa união nasce uma lei imperiosa:
a sobrevivência.

E ela não é dada —
a cada dia é uma luta para conquistar o ganha-pão.
Ilude-se quem pensa que ser rico livra dos problemas.
Sim, o rico tem confortos e facilidades,
mas também busca seu "pão" diário.
Se uns precisam trabalhar para sobreviver,
outros precisam manter a empresa funcionando para o mesmo fim.
Nos papéis sociais, somos diferentes,
mas na condição de ter problemas,
a equação é a mesma: sobrevivência.
Para alguns, trabalhar será labor, dor e pouco prazer.
Para outros, trabalho será amor ,sentido e lazer.

### *a certeza da ilusão*

Se o Ser é, e o Não-Ser não é — como nos ensinou Parmênides —
então, com cada vez mais clareza, me vejo inclinado a aceitar:
este mundo é uma ilusão.
Antes, isso me atravessava apenas como uma intuição vaga,
uma suspeita sutil que vinha e ia.
Hoje, a lógica me obriga a encará-la como uma hipótese cada vez mais plausível.
A realidade aqui… é cheia de dependências.
Tudo nasce de algo.
Tudo precisa de algo.
Tudo se transforma em algo.
A planta precisa da luz.
O animal precisa da planta.
Nós precisamos de todos.
Nada aqui existe por si mesmo.
Se quisermos ser minimamente rigorosos,
não podemos ignorar:
se um ente desses, fosse verdadeiramente real,

ele não dependeria de nada.
Viveria por si.
Seria suficiente em si mesmo.
Mas o que temos é o contrário:
fome, interdependência, cadeia alimentar.
O ciclo da vida, tão celebrado…
na verdade, desmonta qualquer ideia de Ser absoluto.
Até mesmo o nosso corpo é uma colônia.
Bilhões de microrganismos vivem em nós.
Talvez, para eles, sejamos planetas ambulantes.
E se ampliarmos um pouco mais a reflexão…
Se uma planta fosse, de fato, um Ser em sentido pleno,
ela não poderia ser reduzida a alimento.
Afinal, não é só comida.
Ela desaparece em outro corpo.
Passa a ser parte de outro.
Mas… que "outro"?
Um "ser" que é, ele próprio,
a junção de incontáveis outros seres?
Sou o que sou…
depois de um copo de leite,
um pão,
um prato de arroz,
um pedaço de carne?
Pois tudo isso vai se integrar ao meu corpo.
Ou seja, meu corpo não tem uma existência própria, isolada.
Aliás, ele sequer consegue existir sem absorver o que antes era outro.
Se quisermos seguir o raciocínio até o fim:
Se tudo que me forma morre, renasce, transforma-se e me abandona…
o que, de fato, permanece?
Isso só é possível se, no fundo,
o que vejo como alface, estômago, cérebro, dentes…

não passarem de arranjos temporários de átomos…
matéria que se movimenta, que se rearranja…
tão lógica e previsível quanto códigos binários num videogame.
Por mais realista que pareça o cavalo, a arma,
o sangue de um personagem,
o suor, o rosto, a voz, a textura…
no fim, tudo… é só algoritmo.
Aqui, talvez, estejamos num mesmo tipo de jogo:
personagens processados por um código maior…
que, por comodidade, chamamos de "realidade".
Se a existência aqui é um grande teatro de formas passageiras,
então minha certeza, por ora, é esta:
estamos vivendo dentro de uma ilusão.

### *a morte como prova da ilusão*

Se houvesse, entre o nascer e o morrer,
alguma substância que fosse, de fato, verdadeiramente durável…
então seríamos imortais.
E, portanto, reais.
Mas o próprio fato de tudo aqui nascer e morrer,
de existir apenas como intervalo entre dois nadas,
já denuncia:
este mundo não é o lugar do Ser.
O que é verdadeiramente real…
não começa nem termina.
Apenas… é.
Por isso, a morte não é só uma certeza.
Ela é a maior evidência da ilusão.
Talvez, como Platão sugeriu,
haja um mundo das Formas puras.
Um mundo onde o Ser não se alimenta.
Não muda.

Não precisa.
Simplesmente… é.
Talvez o verdadeiro Ser apenas se divirta em criar:
modelando formas, consciências, imagens…
não para fazer sentido…
mas para brincar de ser outros, mesmo na aparência
Assim como no teatro, que é real enquanto espetáculo
E ilusório enquanto história e trama.
Talvez eu ainda não esteja na Forma Pura aqui.
Talvez o meu verdadeiro Ser,
aquele que nunca nasceu e nunca morrerá,
esteja apenas dormindo…
enquanto aqui, no palco das aparências,
eu vivo este personagem que se questiona.
Mas há algo em mim —
algo que pensa estas linhas,
que as articula,
que as escreve…
que suspeita, com força crescente:
Ter a certeza da ilusão
é, paradoxalmente, o primeiro sinal de que há algo em mim que…
não é ilusão.
Se tudo aqui é falso,
então também o medo, a dor, a perda…
são ilusões.
E se há algo que mereça ser prolongado neste jogo,
que sejam os prazeres —
não os da carne…
mas os do pensamento.
Talvez o intelecto seja mesmo
a ponte frágil, mas real,
entre o que parece…
e o que é.

Entre este mundo transitório…
e aquele onde o Ser simplesmente…
é.
E se esta for minha certeza,
não temo que ela seja uma ilusão.
Porque, afinal…
quem mais, além do próprio Ser —
ou ao menos sua sombra em mim —
poderia chegar a tal conclusão?

**Créditos Visuais**

As imagens utilizadas nas capas que introduzem os blocos da obra *Filosofia Intuitiva* foram elaboradas a partir de desenhos produzidos por estudantes da rede pública estadual, em atividades de Filosofia conduzidas pelo autor. Essas ilustrações foram criadas entre os anos de 2012 e 2020 e refletem compreensões visuais de temas filosóficos. Abaixo estão os créditos completos, respeitando a ordem de apresentação dos blocos no sumário da obra:

**FILOSOFIA INTUITIVA I – Educere e Telos**
Escola: Estadual Senador Filinto Müller Tema:
Cultura de massa e alienação (2016)
Alunos: Viviane dos Santos Oliveira (nº 37), Jéssica Adriane (nº 17), Giuliana Leoni (nº 14), Sthefani Marques (nº 31)
Série: 2K

**FILOSOFIA INTUITIVA II – Religiosidade**
Escola: Estadual José Fernando Abbud
Tema: Homens, mulheres, feminismo e machismo como conceitos filosóficos
Aluna: Camilla Aparecida Ferreira Brasil (nº 40) – Série: 2ºA

**FILOSOFIA INTUITIVA III – A Morte e a Vida**
Escola: Estadual Orígenes Lessa
Tema: Depressão, tempo e finitude como conceitos filosóficos (2016)
Alunos: Guilherme da Silva (nº 27), Carlos Eduardo Batista (nº 09), Lucas Ferreira Costa (nº 33)
Série: 1ºA

**FILOSOFIA INTUITIVA IV – Reflexões Políticas**
Escola: Estadual José Fernando Abbud Tema:
Sociedade do consumo e da produção Aluna:
Aline Silva Xavier – Série: 1C

**FILOSOFIA INTUITIVA V – A Filosofia e o Filosofar**
Escola: Estadual Miguel Reali
Tema: Ética, moral, liberdade como conceitos filosóficos (2012)
Alunos: Wendel da Silva Inácio (nº 44), Angel Victor (nº 08), Tatiane Pestana (nº 40), Thais (nº 41), Andréia Caroline (nº 07), Fernanda (nº 20) Série: 2ºC

**FILOSOFIA INTUITIVA VI – Temas Diversos**
Escola: Estadual Orígenes Lessa
Tema: Morte e tempo como conceitos filosóficos (2020) Alunos: Karina (nº 17), Camilla (nº 04), Gabriella (nº 10), Bruno (nº 03) - Série: 1ºE

**FILOSOFIA INTUITIVA VII – Poiesis e Logos**
Escola: Estadual José Fernando Abbud
Tema: Homens, mulheres, feminismo e machismo como conceitos filosóficos
Aluna: Stephany Saiury Moura de Miranda (nº 35) – Série: 2A

**FILOSOFIA INTUITIVA VIII – O Teatro e a Filosofia**
Escola: Estadual Miguel Reali
Tema: Alienação e sociedade de massa (2012)
Aluno: Bruno Vivaz – Série: 3B

**FILOSOFIA INTUITIVA IX – Para Pessoas Queridas e Acontecimentos Extraordinários**
Escola: Estadual José Fernando Abbud Tema: Sociedade do consumo e da produção Aluna: Nathalia da Silva Pinheiro – Série: 1C

**FILOSOFIA INTUITIVA X – Reflexões do Self**
Escola: Estadual José Fernando Abbud
Tema: Liberdade, estado natural e social em Rousseau e Hobbes
Aluno: Matheus de Jesus Rocha (nº 27) – Série: 1ºA

**FILOSOFIA INTUITIVA XI – A Filosofia Aconselha** Escola: Estadual Senador Filinto Müller
Tema: Inspirado na alegoria da caverna de Platão (2016)
Alunas: Karina Cebotarou (nº 17), Any Caroliny (nº 03)
Série: 2L